



METROPOLE

SSA-BA

07 OUT 2021

Uma lagoa escura arrodeada de invasões

Cantada por Dorival Caymmi e cultuada pelos soteropolitanos, Abaeté está ameaçada por construções irregulares, que ocupam dunas em Área de Proteção Ambiental (APA). Págs 4,5 e 16



Meio salário mínimo de esperança

James Martins

Ninguém é besta! O ministro Paulo Guedes mandou sua grana, US\$ 9,55 milhões, descansar sossegada nas Ilhas Virgens Britânicas, um paraíso fiscal do Caribe. Afinal, dinheiro não é empregada doméstica pra ficar aqui nesse inferno. E aliás, verdade seja dita, se eu tivesse uma fortuna dessas e soubesse que o presidente do Brasil seria Jair Bolsonaro e o ministro da Economia Paulo Guedes, também despacharia tudo pra bem longe daqui. Lá, a bufunfa do “Posto Ipiranga” já cresceu 40% em relação ao Real desde o início do governo. Deve ter sido por isso que o próprio Guedes disse, antes ainda da pandemia: “O dólar está alto? Problema nenhum, zero”. E temos aqui um belo exemplo de lugar de fala. No Brasil, o montante só daria pra pagar algumas contas de energia e comprar um botijão de gás. Mas, enfim, não estou aqui pra concentrar atenção na concentração de renda do sinistro Paulo Guedes. Falei dele porque, ante a sua flagrante falta de esperança no país cujas finanças comanda, lembrei que eu mesmo, também desesperançoso (por essas e outras) de longa data, respirei esses dias uns eflúvios verdes da dita cuja. Mas, por favor, não confundam, ainda estou falando de esperança. Enfim, subi

muito animadamente o Elevador do Taboão, posto em funcionamento depois de mais de 60 anos desativado, e dei de sonhar que o centro da cidade tem jeito.

E se o centro voltar a pulsar, todo o corpo da capital será positivamente afetado. E se Salvador restabelecer-se em grandeza e originalidade, isso certamente repercutirá no país. E o Brasil ocupa posição central nos dilemas que toda a humanidade necessariamente enfrenta e enfrentará. Sei que soou exagerado, mas não pensem em ilusão. Tenho plena consciência de que é preciso muito mais que um elevadorzinho em bom estado pra sequer roçar a casca de nossos problemas. Exemplo: quando lhe falei do passeio, Chico Kertész perguntou se fiz um vídeo para mostrarmos nas redes da Metropole. Não fiz porque não tenho celular. Mas fiquei pensando que, se tivesse, teria bastante cautela em puxá-lo para filmar, pois a região é cheia de ladrões ativos e em potencial. Ou seja, o novo Elevador do Taboão não resolve nem sequer o problema de seu entorno. Mas já é um começo. Ainda mais que não é um gesto isolado. O Comércio ganhou também o museu Cidade da Música da Bahia, ali na Praça Cayru, no belo casarão de azulejos, e em breve inaugurará

o Arquivo Público Municipal e a Casa da História de Salvador.

O que mais me animou, porém, foi ver o anúncio de que a secular Fonte dos Padres, reduzida a um horrendo buraco na parede, também será reformada e reativada, num projeto de revitalização das fontes públicas de Salvador. Escrevi recentemente um artigo confessando minha inveja dos romanos por eles poderem beber de suas fontes e nós não termos nem pra afogar as mágoas. Citei, porém, as puras águas de Nossa Senhora do Pilar e Santa Luzia como exceção. Que daqui pra frente sejam regra. A caminhada é longa e a batalha é dura. Estamos a dois milhões de passos do paraíso — fiscal ou não. Mas tô gostando de alimentar um laivo de esperança, em real mesmo, não em dólar, que eu não sou nenhum Paulo Guedes.



Publisher **Editora KSZ**
 Diretor Executivo **Chico Kertész**
 Editor-chefe **André Uzêda**
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
 Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Redação **Adele Robichez, Alexandre Santos, Geovana Oliveira, Rodrigo Meneses e Tailane Muniz**
 Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



Hoje, última oficina ao vivo de saneamento básico. Participe!

Você fala
o problema,
a gente busca
a solução.

Hoje tem oficina pública
ao vivo para a elaboração
do **Plano Municipal
de Saneamento Básico
Integrado**. Ninguém
conhece os problemas
da sua comunidade
como você.



Confira data e horário:

07/10 14h Resíduos Sólidos

Transmissão ao vivo pelo
YouTube no canal **Seinfra
Saneamento**, na página
do Facebook da **Seinfra**
e nas **Prefeituras-Bairro**.

Mais informações:
seinfra.salvador.ba.gov.br



Invasão nas dunas do Abaeté

Construções irregulares são levantadas em Área de Proteção Ambiental (APA) na lagoa e nas dunas do Abaeté; denúncias falam de viaturas policiais em área invadida

Texto **Rodrigo Meneses**
redação@metro1.com.br

A lagoa escura, arrodada de areia branca, cantada pelo mestre Dorival Caymmi, passou a ser cercada também por construções irregulares.

Desde o final de 2019, moradores vêm registrando denúncias na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (Sedur) sobre invasão na Área de Proteção Ambiental (Apa) da lagoa e dunas do Abaeté. As obras estão bem avançadas.

Ao final da Avenida das Dunas e da Rua Afrânio Coutinho, foi construída praticamente uma nova via, cercaram o terreno com muros, retiraram a vegetação de restinga e iniciaram a construção de imóveis.

A invasão está situada dentro da Zona de Preservação Permanente (ZPP) da Apa Abaeté. Segundo o professor do Instituto de Biologia da Ufba, Miguel Accioly, no território compreendido entre o entorno da Lagoa do Abaeté e a Avenida Mãe Stella de Oxóssi não pode haver construção.

“Só podem ser construídos pequenos pontos de apoio para trilha ecoturística, a exemplo de quiosques. Não pode ter construção grande”, explica ele, que faz parte

do conselho da Apa Abaeté.

As imagens, no entanto, demonstram um flagrante desrespeito a estas determinações. Insatisfeitos com as invasões, os moradores mais antigos contrataram um serviço de um operador de drone para, de cima, demonstrar a extensão da área invadida. As imagens obtidas com exclusividade pelo Jornal da Metrópole mostram casas, loteamentos e muros já de pé, indicando um intenso canteiro de obras em pleno funcionamento.

Há suspeita da presença de policiais no empreendimento. “Não são habitações simples. Os responsáveis pelas obras chegam em carros de luxo. E temos certeza que tem policial militar envolvido. Eu mesmo já flagrei por três vezes uma viatura chegando para visitar a obra. Sempre no horário das 18h”, conta o proprietário de uma casa próxima, em anonimato, por temor represálias.

Os moradores também denunciaram o caso ao Ministério Público Estadual (MP-BA) em fevereiro do ano passado. Eles contam ainda que já foram realizadas três audiências com representantes de diversos órgãos públicos, ambientais, associações de moradores, mas em nenhuma das

três a Sedur, pasta municipal, enviou representantes.

“O MP pediu aos moradores os nomes dos invasores, mas as pessoas além de não saberem, têm medo de denunciar porque não sabem do que essas pessoas são capazes”, relata o morador.

Ele lembra que a Sedur pode informar ao MP o nome dos invasores, já que as obras já foram notificadas pelo órgão.

Enquanto isso não ocorre, a sensação de impunidade toma conta da área. “Na última segunda-feira teve uma ação integrada da Coelba, da Embasa, da PM e do Inema para cortar ligações clandestinas de água e energia. Mas, depois que os órgãos foram embora, as obras recomeçaram. Parece que tem um sentimento de impunidade total”, diz.

Além de ser um cartão-postal da cidade e fundamental para regular o clima de Salvador (*leia mais na coordenada ao lado*), a Apa do Abaeté também é essencial para as religiões de matriz africana. A ialorixá mãe Cacau de Sogboadã, membro da Comissão do Povo de Santo de Itapuã, está preocupada com o futuro da religião. “Sem folhas, sem águas, não há como cultuar nossas divindades, nossa ancestralidade. Que futuro





foto do leitor/divulgação



Área regula o clima de Salvador

Mais do que um cartão postal, a APA do Abaeté é de suma importância para a regulação do clima em Salvador, como explica o professor Miguel Accioly. “Boa parte do clima agradável que a gente tem na cidade é por causa do vento que vem do mar naquela região e é canalizado pelas dunas em direção à Avenida Paralela, deslocando-se para outros pontos da capital”, explica.

Sobre os impactos mais locais para a Apa, o professor explica que a construção na área de dunas provoca a impermeabilização do solo, o que compromete a vida da Lagoa do Abaeté e outras 17 existentes dentro da Apa. “Essas lagoas não são alimentadas por rios, mas pelo acúmulo de água no lençol freático, que faz brotar essas nascentes nas áreas mais baixas do parque”, destaca.

Outro risco apresentado pelas construções irregulares é a retirada da vegetação, que pode provocar o deslocamento das dunas. “A vegetação tem essa função de manter as dunas quietas. Uma consequência dessas construções irregulares pode ser vista em Florianópolis, no bairro dos Ingleses, onde as dunas estão invadindo várias casas”, conta.

iremos deixar para as próximas gerações? Que história iremos contar?”, questiona.

RESPOSTAS

O Jornal da Metropole procurou a Sedur, que, em nota, informou que vem realizando fiscalização constantemente no Abaeté, com o objetivo de combater as construções irregulares naquela região. “Em 2020, o órgão identificou algumas obras irregulares no local e realizou ações fiscais como embargo, interdição e apreensão de materiais de construção”, diz trecho da nota.

O órgão ainda acrescentou que uma nova vistoria foi feita em setembro deste ano, quando houve nova interdição e apreensão de materiais de construção.

Em resposta sobre a participação de policiais nas invasões do Abaeté, a PM orientou que os moradores formalizem uma denúncia através da Ouvidoria da PM (0800 284 0011) ou Corregedoria Geral da PM, para que seja realizada a devida apuração. Por meio de nota, o MP informou que o promotor de Justiça Heron Gordilho determinou que seja reiterado ofício enviado à Sedur solicitando que o órgão realize vistoria no local das invasões.

Criação da Apa

A Apa do Abaeté foi criada em 1987 e redelimitada em outubro de 1993, dividindo a APA em duas áreas: Zona de Preservação Permanente (ZPP) e Zona de Ocupação Controlada (ZOC).

Já o Parque Metropolitano do Abaeté foi criado em 1993 para proteger a Lagoa do Abaeté, importante cartão postal da cidade, que estava sofrendo um processo de degradação ambiental devido ao crescimento sem planejamento prévio do bairro de Itapuã.



Reféns do vivo na TV

Criminosos têm invadido residências em Salvador e usado inocentes para negociar com a polícia. Maior parte dos casos acontece com transmissão em tempo real de programas de TV local



Texto **Geovana Oliveira**

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

“Eles se entregaram agora. Está passando tudo no canal 5”, diz uma ouvinte da Rádio Metropole, que preferiu não se identificar. No dia 23 de setembro, ela acompanhava ao vivo mais um caso de invasão a residências em Salvador.

Desde o final de agosto, moradores da capital baiana tiveram cadeira cativa para acompanhar a onda de crimes nas quais famílias foram feitas reféns em suas próprias casas. No decorrer de 40 dias, ao menos oito casos foram registrados, em uma média de um por semana. A maioria acompanhada em tempo real por programas de televisão.

Desses oito casos em Salvador, cinco deles — o que corresponde a 63% — aconteceram justamente durante a exibição dos programas policiais na TV, entre o fim da manhã e o começo da tarde. Apenas entre os dias 17 e 25 de setembro, quatro invasões ocorreram no horário nobre das televisões locais.

A presença da imprensa, inclusive, é exigência para iniciar a negociação. Em 25

de setembro, no início da tarde, após trocar tiros com policiais, um grupo tentou fugir dos agentes, entrou em uma casa e fez reféns no bairro da Cidade Nova. As vítimas ficaram mais de quatro horas na presença dos fugitivos, que cobraram a presença do Batalhão de Operações Especiais (Bope) e também dos veículos de imprensa.

A investida dos criminosos imitava o mesmo método de outras invasões que já haviam acontecido nos bairros do IAPI, no Alto de Coutos, em Cosme de Farias, Boa Vista do Lobato e na comunidade Padre Elói, em Brotas. Três dias depois, um grupo de homens armados manteve pelo menos seis pessoas reféns em duas casas no bairro Engomadeira, região periférica de Salvador. De acordo com as informações, um dos suspeitos estava ferido.

Segundo a pesquisadora do Observatório Redes de Segurança, Luciene Santana, a tática responde à forma que a segurança pública tem funcionado na Bahia.

“É uma forma que a segurança pública tem funcionado em nosso estado. São pesso-

as que sabem que podem ser mortas e querem negociar, com medo da polícia”, diz.

Levantamentos publicados nos últimos anos apontam que a Bahia tem a polícia mais letal do Nordeste. No último relatório do Observatório Redes de Segurança, o estado figurou em segundo lugar no número de mortes causadas pela polícia, atrás apenas do Rio de Janeiro.

Questionada sobre a motivação da onda de invasões com reféns, a Secretaria da Segurança Pública da Bahia enviou uma nota que não responde os questionamentos de maneira objetiva e ressalta a “atuação eficiente de unidades da Polícia Militar, com destaque para o Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope)”. De acordo com a pasta, todas as ocorrências foram iniciadas após ações de combate ao tráfico de drogas.

GLAMOURIZAÇÃO

A primeira cobertura de um caso de cárcere feito pela TV Aratu, afiliada do



SBT na Bahia, aconteceu sem grandes pretensões. “O repórter estava em casa e soube que estava acontecendo, entrou para interceder, para ajudar a família — ele entrou e conversou diretamente com os sequestradores, acalmou a situação e acabou que teve um desfecho feliz”, conta o diretor de jornalismo da emissora, Matheus Carvalho, que chegou a alertar o repórter sobre as possibilidades de a intromissão dar errado.

Depois, diante da repetição dos casos, conta Carvalho, surgiu o dilema ético na redação. “Eles pedem a presença da TV, mas surge um conflito, porque a moda pegou”, conta.

A Record TV, antiga TV Itapoan, que também transmitiu ao vivo a maioria dos sequestros ocorridos, foi procurada pelo Jornal da Metrópole, mas não quis se posicionar sobre o assunto até o fechamento desta edição.

A forma como é feita a cobertura televisada é questionada por especialistas. A professora Ivone Freire Costa, coordenadora do Programa de Estudo e Formação em Políticas e Gestão de Segurança

Pública da Ufba (Progesp), afirma que a relação entre a imprensa e os casos precisa ser cuidadosa para não se tornar um cenário de aprendizado.

“A interlocução e diálogo da mídia ao processar a filmagem tem que ser um comportamento crítico, em tentar não ser tutorial. Se exige a presença da mídia, ela deve ser uma presença crítica do fato”, afirma a professora da Ufba.

Na TV Aratu foi essa a dúvida: a imprensa está servindo de cúmplice do traficante, está contribuindo para que a vítima não morra ou está só fazendo o papel da notícia?

A resposta não é simples. Segundo Cássio Santana, que pesquisa violência e a atuação da mídia no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Ufba, o jornalismo cai no “sensacionalismo” quando não discute os fatores por trás da notícia.

“O jornalismo tem uma paixão pelo ao vivo, mas o fato de se voltar totalmente a um sequestro e tentar expandi-lo até onde não há mais como, sem discutir os

fatores por trás do problema, é sensacionalismo”, analisa.

De acordo com o pesquisador, o problema é claro: “Há assassinatos sumários na favela, todo mundo sabe disso. E aquelas pessoas que não têm nada a perder invadem as casas para assegurar a vida deles. Claro que se a polícia pegar eles, vai matá-los”, afirma.

Para além da atuação da televisão, no entanto, o método da visibilidade é feito também por meio das redes sociais. No caso da Engomadeira, em 28 de setembro, os criminosos iniciaram uma live nas redes sociais, acompanhada por milhares de pessoas.

CRÍTICA DE RUI

Com base na repercussão, os especialistas discutem ainda a possibilidade de uma “espetacularização” do crime. No final de setembro, o governador da Bahia, Rui Costa (PT), criticou a “exibição exaustiva” de criminosos em programas transmitidos na TV durante o “horário nobre” local.

Segundo Santana, é possível uma “glamourização” do crime, como especulou Rui, porque a população negra carece de janelas de visibilidade. “Quando você encontra qualquer janela, no caso os programas policiais, pode haver uma tentativa de performar ali na frente das câmeras”, explica.

Com isso, os casos seguem um padrão parecido, com o mesmo alcance da publicação e o desejo da cobertura da TV e das redes sociais durante a prisão.

As emissoras, por sua vez, pretendem entrar em um consenso sobre qual deve ser o comportamento padrão em casos como esses. “Parece que a emissora quer criar censura para si mesma, mas não se trata disso. É sobre o que é melhor para a sociedade. Mas é complexo, porque se for consultar a própria população, é melhor que tenha a imprensa, se não tiver, vira selvageria”, afirma o diretor da TV Aratu.

Já para Luciene, da Rede Observatórios, a segurança pública deve ser pensada de maneira mais ampla. “Para nós é fundamental que para que esses casos deixem de acontecer, se atue na prevenção. Segurança pública não é questão só de segurança pública, mas também de saúde, de educação e moradia”, afirma.

Bloqueou o 'corre'



Queda por seis horas do Facebook, Instagram e WhatsApp afetou pequenos negócios em várias partes do mundo; apagão evidenciou a dependência absoluta destas redes sociais em nossas vidas

Texto Adele Robichez
adele.robichez@radiometropole.com.br

Com o recorde histórico de seis horas fora do ar, a queda do WhatsApp, Instagram e Facebook na última segunda-feira causou transtornos na vida de milhares de pessoas ao redor do mundo. Com o 'apagão', a sociedade se viu intrinsecamente dependente das redes sociais, inclusive, em muitos casos, para ganhar dinheiro e manter negócios ativos.

Restaurantes e lojas online, que utilizam as redes sociais como plataforma de vendas, enfrentaram perda de faturamento com a situação. "O delivery funciona através do telefone fixo, que as pessoas perderam o costume de usar, e do Whatsapp. Diante da queda da rede, houve uma queda significativa dos pedidos, que rendeu um prejuízo em torno de 80%", disse o dono da Churrascaria Arena Grill, no Cabula VI, Anderson Ribeiro.

"Não conseguimos receber pedidos e efetuar nenhuma venda porque o nosso único meio é o Instagram, que redireciona para o WhatsApp. Diariamente, recebemos de oito a 12 pedidos, mas nesse dia foram apenas dois, pela

manhã", contou Kissia Gonzaga, sócia da loja online Okamoto Flores.

Influenciadores digitais, que trabalham exclusivamente com redes sociais, não puderam fechar contratos e realizar vendas a partir de publicidades. A criadora de conteúdo e tatuadora Helen Fernandes, conhecida como 'Malfeitona', contou que foi extremamente prejudicada com a situação.

"O apagão me afetou muito porque também tive problema com o Google e a Claro, operadora de telefone, então eu fiquei o dia inteiro basicamente sem me comunicar com contratantes e clientes. Eu estava no meio de negociações de publicidade e não consegui responder um orçamento que era urgente. Eu também estava tentando flexibilização de uma data pra entregar uma 'publi' porque eu estou em viagem e não consegui falar com o cliente", conta.

O próprio Instagram, plataforma que ela utiliza, exige que haja uma frequência de postagens alta para que o conteúdo publicado apareça para os seguidores. A métrica, inclusive, é um indicador do seu valor para o fechamento de contratos de trabalhos futuros. "Não consegui postar nas redes naquele dia

e eu sempre sou punida pelo algoritmo quando eu quebro o meu padrão de publicações do Instagram, que é a rede principal que eu uso. Até agora, desde que voltou, eu estou com engajamento baixíssimo. O meu planejamento de conteúdo não foi feito naquele dia, aí no dia seguinte não tem como compensar, o que gera uma grande confusão", relata.

80%

de prejuízo foi o estimado por uma churrascaria no Cabula VI, em seis horas



divulgação

1



divulgação

2

Foto 1: Churrascaria mantém pedidos por meio do WhatsApp e perdeu clientela

Foto 2: Floricultura online só vendeu dois pedidos no dia do apagão

Diante de situações como essas, o Procon de São Paulo anunciou que notificará o WhatsApp por causa do apagão global, com previsão de uma multa de danos morais que pode chegar a R\$ 10,7 milhões. O órgão afirma que muitas pessoas sofreram prejuízos em razão da prestação deficiente de serviço e que apenas um “evento muito forte”, como um terremoto, poderia isentar a empresa da responsabilidade.

O doutor em Comunicação e Cultura Digital pela Ufba, Marcel Ayres, explica que os impactos “sociais, econômicos, até mesmo políticos” do apagão foram sentidos de forma generalizada

porque as redes sociais estabeleceram uma conexão social inerente às ações do “mundo real”.

“Estas plataformas digitais engendram um ecossistema complexo formado por usuários, por empresas, por produtores de conteúdo, entre outros, os quais usam e se apropriam de inúmeras maneiras: seja para interagir com outras pessoas, para comprar, para anunciar, para se informar, para se divertir etc. Uma vez que estes apps fazem a mediação de muitas atividades da população conectada, sua interrupção abrupta, como ocorreu neste apagão, afeta todo o ecossistema”.

Monopólio é risco

As três redes ficaram fora do ar ao mesmo tempo, pois são todas pertencentes ao mesmo grupo e ligadas ao sistema do Facebook, fundado pelo programador Mark Zuckerberg. O especialista em tecnologia, Marcel Ayres, avalia o monopólio como desfavorável.

“Os problemas decorrentes da concentração de usuários em escala global em quatro ‘apps’ sociais de um mesmo grupo ficou ainda mais evidente no apagão. Primeiro, ficamos todos à mercê do funcionamento da infraestrutura da empresa, que não é infalível. Segundo, temos uma concentração de dados/informações de usuários sob controle de uma única organização”, diz.

Com a pane geral e os prejuízos causados por ela, Ayres acredita que os usuários não deixarão de utilizá-las, mas poderão passar a buscar desconcentrar o uso das redes do grupo. “Não acredito que este caso isolado tenha forças suficientes para mudar determinados hábitos já cristalizados. Contudo, acredito que este ‘susto’ pode levar parte do ecossistema a cogitar outras alternativas”.

A professora especialista em redes sociais, Soraia Lima, reforça que, principalmente, as empresas não podem depender apenas das redes ligadas ao Facebook. “O problema é que estamos concentrando nossa presença digital nessas mídias. As empresas têm que investir em mídias que sejam suas, as chamadas mídias proprietárias, como por exemplo sites e blogs. Assim, não ficamos reféns”, sugere.

TECNOLOGIA

METROPOLE

Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP





Zuckerberg e sua tarde no inferno

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Poucas semanas após um bilionário da tecnologia do norte rico do mundo ter se divertido, ao preço de bilhões de dólares, ostentando uma viagem de minutinhos ao espaço a bordo do seu foguete particular, outro desceu ao inferno, aqui mesmo na terra, para uma tarde que vai demorar a acabar. Em meia dúzia de horas, Marck Zuckerberg, 37 anos, dono do Facebook, do Instagram, do WhatsApp e do Messenger, com uma fortuna de cerca de 123 bilhões de dólares, provocou um redemoinho no mundo e foi tragado junto. Suas redes, usadas por 3,5 bilhões de pessoas, sofreram um apagão sem precedentes nessa segunda-feira, por uma falha operacional interna, segundo um comunicado oficial do Facebook. Os prejuízos ainda são tidos como incalculáveis para quem foi afetado pela pane. Para quem perdeu dinheiro por deixar de vender um produto ou por interromper serviços com clientes, no WhatsApp e no Instagram, por exemplo, as perdas são irrecuperáveis.

Um restaurante que não pôde receber pedidos pelo aplicativo na tarde de segunda e deixou de vender 10 ou 100 pratos, não voltou a vendê-los seis horas após, quando os aplicativos voltaram a funcionar. O mesmo vale para os entregadores que deixaram de fazer entregas pela mesma razão. De pequenas quitandas de bairros periféricos nas cidades brasileiras a mega stores de departamento, todo mundo perdeu. O universo da blogueiragem, dos influencers e de meio mundo que literalmente se alimenta de publiposts foi ao chão e provavelmente

não voltará a dormir sossegado.

Agora, todo mundo sabe que, se um botão de off acender uma luz no Vale do Silício, os boletos aqui poderão ficar órfãos e não haverá balcão de queixa ou de ressarcimento de prejuízos. O empreendedorismo digital é muito bom, muito prático, um milagre. Pena que o dono da banca fique do outro lado do mundo e esteja cada vez mais perto da incapacidade de garantir que amanhã a coisa toda vá estar no mesmo lugar e funcionando. Os americanos não costumam ser bobos quando se trata de dinheiro e, na mesma semana em que o Facebook apagou durante uma tarde, republicanos e democratas estavam do mesmo lado no Senado exigindo o fim de tanta concentração de poder na mão de um Zuckerberg só. E nem era por conta do apagão, mas pela sucessão de coisas estranhas que o Facebook tem feito com o poder que ser dono de tantas redes poderosas lhe dá. As denúncias, acusações, queixas, evidências e os processos se avolumam.

BAIRRO DA PAZ

O apagão da segunda-feira foi um terremoto no castelo do império da tecnologia. Muita gente perdeu dinheiro e o incidente certamente provocará desdobramentos, de várias ordens e em várias escalas. Mas, prejuízo mesmo, em maiúsculas, embora ele tenha estofo para bancar a pancada, quem teve foi o próprio Zuckerberg. Na segunda-feira, foi dormir menos rico em quase 7 bilhões de

dólares, somente com a queda das suas ações em Wall Street. A estimativa é de prejuízos ainda maiores em outras esferas. Especula-se que o valor de mercado do Facebook tenha caído cerca de 47 bilhões de dólares. A soma do apagão à série de denúncias feitas por uma ex-executiva do Facebook à imprensa e ao Senado tem provocado chamadas difíceis de conter.

Quando se fala em Facebook, seu dono, seus lucros, e, mais recentemente, seus problemas, tudo é superlativo. Estima-se que o Facebook tenha um faturamento diário de 1,7 bilhão de reais, e que, com um apagão como o de segunda-feira, a empresa chegue a perder receita da ordem de 72,3 milhões de reais por hora, ou 1,2 milhão de reais por minuto. Em publicidade digital só o Google é páreo para o Facebook.

Ninguém duvida das vantagens e das possibilidades inúmeras da tecnologia. No entanto, supor que a equação vigente no mundo hoje, armada pelas big techs, vai se manter sem provocar danos econômicos e sociais, é cegueira. Tanto poder concentrado em pouquíssimos CEOs que monopolizam o setor em todo o mundo em uma mesma pessoa, com os mesmos métodos e estratégias, controlando quatro mastodontes, como é o caso de Zuckerberg, não pode ir muito longe sem que a fatura chegue. Não só para os finos bilionários, mas para todo mundo. Algo mais que a gestão da imprevisibilidade de incidentes deve ser criado para impedir que um erro no Facebook na Califórnia deixe sem renda um entregador de comida do Bairro da Paz.

Atacado por inteiro no 'domingo é meia'

valter pontes/secom pms



Bruno Reis (DEM) está sendo cobrado por opositores e, vejam só, também aliados para reativar o "Domingo é Meia", que garante metade do valor da passagem de ônibus aos domingos. Criado na primeira gestão ACM Neto, padrinho político e antecessor do atual prefeito, o benefício foi suspenso em 12 de março como forma de inibir a circulação dos soteropolitanos em meio à crise da Covid. Integrante da base governista de Reis na Câmara, o vereador Dr. José Antonio (PTB) apresentou um projeto de indicação no qual justifica a importância do programa. "A população já está enfrentando um aumento significativo nos preços dos alimentos e combustíveis, e com a falta de emprego deve contar com o retorno do Domingo é Meia", argumenta o vereador. Sob a mesma cantilena de que a crise no transporte é hoje o seu maior gargalo, Bruno Reis diz que a retomada do benefício gerará um impacto mensal de R\$ 5 milhões aos cofres municipais.

A arma agora é o voto

Ex-comandante-geral da PM, o coronel Anselmo Brandão disputará uma das 513 cadeiras da Câmara dos Deputados nas eleições de 2022. O anúncio foi feito em entrevista à Rádio Metropole. Brandão, no entanto, não informou por qual legenda lançará sua pré-candidatura. Nas fileiras da PM há 38 anos, o hoje oficial da reserva remunerada atuou no comando-geral da corporação entre 2015 e janeiro deste ano, até ser substituído por Paulo Coutinho, atual número 1 da Polícia Militar. Entre os principais feitos à época, cita a queda de 62% dos casos de ataques a bancos promovidos pelo chamado novo cangaço. "Na Bahia, pela resposta do poder de força, hoje os bandidos pensam duas vezes em atacar os bancos", afirmou Brandão, dando a deixa do que certamente explorará como vitrine eleitoral.

matheus simoni/metropress



Aras: inimigo dos mais pobres

divulgação



Defensores públicos da Bahia reagiram à tentativa do procurador-geral da República, Augusto Aras, de investir no que chamam de "uma cruzada contra os mais pobres". A resposta se dá após o chefe do MPF protocolar no STF ao menos 22 Ações Diretas de Inconstitucionalidade (Adin) que questionam a legislação federal de 1994 e as normas estaduais que concedem às Defensorias Públicas o poder de requisitar documentos de órgãos públicos. Se os processos forem julgados procedentes, haverá um impacto extremamente nocivo para a atuação do serviço de assistência jurídica gratuita em todo o país, ou seja, a medida inviabilizaria o acesso de milhões de brasileiros à Justiça e tornaria os processos mais custosos e demorados. Segundo Rafson Ximenes, defensor público-geral da Bahia, saúde, infância e juventude e aborto legal são as principais áreas em que a prerrogativa da requisição de documentos se demonstra essencial para garantia de direitos.

Desavença no União Brasil

Em convenção conjunta nesta quarta-feira, as executivas nacionais do PSL e Democratas aprovaram a criação do partido União Brasil. A fusão, no entanto, teve voto contrário de Onyx Lorenzoni, ministro do Trabalho do governo Bolsonaro. Numa tentativa de demonstrar fidelidade, Onyx chegou a apresentar um requerimento em que cobrou de ACM Neto, presidente do DEM, uma sinalização de apoio à reeleição do capitão em 2022. O pedido foi rejeitado pelo ex-prefeito de Salvador e futuro secretário-geral da sigla, que voltou a evocar o discurso de que a recém-criada legenda lançará na disputa um nome para chamar de seu. Com nú mero 44, o União Brasil terá a maior bancada da Câmara, com 82 deputados, além de quatro governadores, oito senadores e as maiores fatias dos fundos eleitoral e partidário. Será a primeira vez, em 20 anos, que a direita reúne tantos parlamentares. A última vez foi no segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, quando o PFL (atual DEM) elegeu 105 representantes.

valter campanato/agencia brasil



Juntos em Brasília

Nome do PT para concorrer à sucessão estadual, o senador Jaques Wagner e o governador Rui Costa (ambos do PT) se reuniram com o ex-presidente Lula em Brasília. Também participaram do encontro a presidente nacional do partido, Gleisi Hoffmann, e os governadores Fátima Bezerra (Rio Grande do Norte), Camilo Santana (Ceará) e Wellington Dias (Piauí). Em sua conta no Instagram, Lula afirmou que recebeu os aliados para discutir o "presente e o futuro do país". Segundo interlocutores do Palácio de Ondina, o grupo discutiu estratégias a serem adotadas nos palanques regionais durante a corrida eleitoral de 2022, para a qual o petista aparece bem colocado nas recentes pesquisas de intenção de voto. Apesar de ainda não confirmar oficialmente sua pré-candidatura, o ex-presidente tem viajado pelo Brasil e se colocado como opção para derrotar Jair Bolsonaro.

Texto **Tailane Muniz**

tailane.muniz@radiometropole.com.br

A PERIFERIA TÁ NA CIDADE

Com especial destaque no recém inaugurado 'Museu Cidade da Música', cena Hip hop ganha força e fura as cercanias de classe em Salvador

Nunca antes a memória da Bahia valeu-se de tantas referências artístico-musicais das quebradas de Salvador.

O recém inaugurado Museu Cidade da Música, no Comércio, revelou a olhos desacomodados nomes, cores e rimas de artistas independentes que, há pelo menos 10 anos, fazem a cultura Hip hop acontecer nas periferias da capital. O rap, que se limitava à cena underground, agora é exibido em 150 cliques na sala 'Rap, Trap, Verdade, Vandal' – no terceiro andar do tecnológico espaço, instalado no Casarão dos Azulejos Azuis.

Vizinha do Mercado Modelo, na Praça Cayru, a Cidade da Música foi escolhida como portal de acesso do grande público à música das periferias, comenta o curador-geral do museu, o cenógrafo e artista visual Gringo Cardia. "A música baiana nasce no gueto. Todo mundo na periferia se conhece, mas a cidade não conhece a periferia", diz ao *Jornal da Metropole*.



Ao promover o encontro entre os “la-dos” de Salvador, afirma Gringo, o museu faz revolução. “Uma cidade dividida não se conhece e, por isso, trouxemos a periferia para um aparelho nobre. É o justo”.

Cardia, que assina também a concepção das casas Jorge Amado e do Carnaval, conta, no entanto, que a ideia de criar no museu uma estação de rap, pilar do Hip hop, surge a partir de um encontro com o músico Vandal. Nasce então o conceito da sala, cuja curadoria foi construída pelo próprio rapper. Vandal reuniu e apresentou dezenas de artistas que dão cara à cena soteropolitana. “Os rappers são os poetas da atualidade e, quando conheci Vandal, vi ali uma cabeça maravilhosa”.

Uma realização para Vandal, um vanguardista do drill e do grime [desdobramentos do trap e eletrônica, respectivamente]. “Sempre estive na linha de frente. Não com soberba, mas por dar a cara a tapa e lutar por um povo, por esse rap baiano”.

EM CENA NO MUSEU

As telas da Cidade exibem produções das variadas sonoridades de rap, com atenção para o trap. Nomes mais novos, como Underismo, Chester, Yan Cloud e Trampo Raro dividem espaço com os que já figuram na cena desde a era boom bap. Em bom baianês, os das antigas: Mr Armeng e Pivete Nobre, além do Rap Nova Era. Liderado por Ravi Lobo, o grupo, ao lado Galf AC e do próprio Vandal, mantém a icônica banca Ugangue.

Como uma linha do tempo, a curadoria enaltece os antigos e faz com que os mais novos percebam que “é possível realizar”, diz Vandal à reportagem.

“O critério foi colocar uma miscelânea de nomes. É um caminho que a gente vem traçando há muito tempo, batalhando por essas vozes pretas”, afirma, ao reforçar que este é apenas um primeiro passo. “Realizamos um feito inédito de caráter mundial, mas muita coisa ainda vai ser feita”.

Ainda que destaque a grandiosidade do projeto, Vandal lamenta os artistas não contemplados. Em contrapartida, o modal, preestabelecido para a escolha de curadorias que costuma privilegiar a elite e uma arte branca, diz ele, começa a dar passos rumo ao oposto. “É possível fazer com que exista uma diversificação, para que novos se sintam contemplados, representados

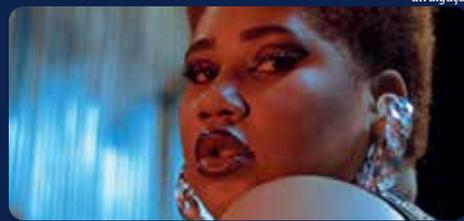
Novas caras



divulgação

GALF AC, CIDADE BAIXA

Dez anos de carreira e, junto com Vandal, faz parte da banca Ugangue. Lançou hoje o EP ‘Travo’, produzido pelo inglês Giallo Point



divulgação

ÁUREA SEMISÉRIA, CAJAZEIRAS 11

Sete anos de carreira. Lançou há uma semana o single ‘Tipo a Noite’, com colaboração de GRAND-MIXXER, de Londres



Jefferson peixoto/secom pms

BABY VENAS, ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO

Sete anos de carreira independente e lançou, em junho deste ano, o single ‘Vivências de Bairro’, o mais recente



divulgação

CRONISTA DO MORRO, CURUZU

Dois anos de carreira. Considerada uma revelação entre os artistas da cena, se prepara para lançar série de singles



divulgação

RAVI LOBO, LIBERDADE

À frente Rap Nova Era há dez anos, integra a Ugangue. Apresentou recentemente o primeiro trabalho solo, o single ‘Shakespeare do Gueto’, com produção de JLZ, da 999, selo de Baco Exu do Blues

e inclusos”. O rapper explica que o acervo ganhará novos materiais, à medida que a cena se movimenta. Há a previsão de que a próxima etapa aconteça em 2022.

Da Cidade Baixa, a CBX, Galf AC relata satisfação de ser parte do museu, mas reforça o que pontua Vandal, quanto ao longo caminho a ser percorrido. “A partir disso, temos uma visão ampla do nosso trabalho, algo difícil para um artista independente”. O músico, que lançou o EP ‘Travo’, produzido pelo inglês Giallo Point, defende ainda que a presença de vozes periféricas ajuda a desconstruir o estigma de marginalização muitas vezes atribuído ao rap.

Vozes como a de Áurea Semiséria, cria de Cajazeiras 11, com trajetória artística nos últimos sete dos seus 23 anos. Passados quase 15 dias da inauguração do museu, ela diz que a ficha ainda não caiu. “Sempre tive o sonho do reconhecimento, de que as pessoas realmente conseguissem me ouvir, porque eu tenho muito a dizer”.

Com o mesmo tempo de carreira, Baby Venas reflete que, só agora, se sente parte do Hip hop. “Um das coisas importantes na música, principalmente no rap, é a história ser lembrada”, afirma ele, que tem 26 anos e nasceu no Engenho Velho da Federação. No sonho que é o “corre da música”, Venas reforça que ter a arte exposta no museu é a ponta da realização que busca.

Realização que, segundo Gringo Cardia, é o que emociona. Para isso, o curador pensou num estúdio profissional. “Disse: ‘temos que trazer essas pessoas para gravarem aqui’, porque se trata de um museu vivo”.

Sob a coordenação do produtor musical André T, a ideia é que o estúdio atue diretamente na execução de projetos. Músico e articulador do Hip hop, Mr Armeng complementa o raciocínio: “Torço para que os artistas reconhecidos na Cidade da Música se vejam também como parte integrante dos eventos”.

Secretário de Cultura e Turismo de Salvador, Fábio Mota explica que o protagonismo da periferia não foi mera lembrança, mas a base do projeto. As 850 horas de conteúdo audiovisual do museu estão à disposição dos 8 mil visitantes que esgotaram a capacidade pelos próximos 60 dias.

Gringo diz que a Cidade da Música deixa ao menos duas conclusões sobre a Bahia. De que é o nascedouro da cultura brasileira e de que sua capital valoriza as músicas que têm raiz nas periferias.



ENTREVISTA

Irismar Reis de Oliveira

PSIQUIATRA E PROFESSOR DA UFBA



tacio moreira/metro press

“Pelo menos 50% da população mundial, e talvez no Brasil um pouco mais, se queixam que sua saúde mental piorou com a pandemia”. O alerta foi feito pelo médico psiquiatra e professor titular de psiquiatria da Ufba, Irismar Reis de Oliveira em entrevista a Mário Kertész na Rádio Metropole. Segundo o pesquisador, o seguimento da população que mais sofreu, no auge da pandemia, foram os idosos – primeiro grupo a se isolar socialmente –, além das crianças e dos adolescentes.

“Eles ter convívio social e nós ainda não sabemos qual vai ser o impacto disso. De modo que, por mais que não haja dúvida de que o distanciamento social foi e continua sendo uma necessidade, talvez haja dúvida em relação às escolas. Porque sabemos o quanto a escola é importante para a formação do caráter de uma pessoa”, disse.

SÍNDROME DE BURNOUT

Irismar comentou também sobre a Síndrome de Burnout, distúrbio psíquico causado pela exaustão extrema, sempre relacionada ao trabalho de um indivíduo. “Os sintomas são ansiedade, cansaço, esgotamento físico e mental, que faz com que essas pessoas realmente tenham sofrimento. Essa síndrome é caracterizada sobretudo por depressão e precisa ser tratada”. O médico esclareceu ainda, as diferenças entre tristeza e depressão.

“As pessoas confundem muito isso. Tristeza é algo absolutamente normal até mesmo para as pessoas que tem uma perda de um ente querido e que ficam em luto, pode durar meses, ainda assim, a gente diria que isso é algo normal, completamente distinto do que nós chamamos de depressão clínica. Depressão é uma síndrome que é caracterizada pela perda do prazer, são uma série de sintomas que, de alguma forma, colocam o indivíduo para baixo e isso é clínico e necessita de tratamento. Tristeza provoca a reflexão, já a depressão nos paralisa”, explicou o professor.



Jackson Romaneli/Unisense/producao

O cinema sempre foi essa experiência coletiva e, ao mesmo tempo, uma fruição individual

ENTREVISTA

Luiz Carlos Merten

JORNALISTA E CRÍTICO DE CINEMA

O jornalista e crítico de cinema brasileiro Luiz Carlos Merten acredita “agora mais do que nunca” que o cinema vive um momento de grande mudança.

“O que a gente anda fazendo, isso de tentar salvar cinemas como o Glauber Rocha está ligado a preservação. No cinema não é só o filme que importa, tão importante quanto é a bomboniere que funciona no espaço. É um ritual”, definiu Merten em entrevista a Mário Kertész, na Rádio Metropole. “É raro as salas de cinemas ficarem lotadas com filmes que não são fenômenos. Aconteceu há pouco tempo, com o lançamento de “007 - Sem Tempo Para Morrer”, eu fui em uma sala para imprensa que estava lotada, seguindo todas as recomendações de distanciamento, mas isso é raro hoje em dia”.

CINEMA X STREAMING

O crítico explicou alguns pontos de diferenciação entre cinemas de rua, como o Glauber, e as plataformas de streaming. “São cinemas de programação selecionada, existe uma curadoria dos filmes de qualidade, filmes artísticos, eles procuram uma formação do espectador. Essa formação fica muito mais aleatória se a gente vai assistir filmes na internet. Sabemos que esse espaço é “terra de ninguém”, terra das fake news e das opiniões ofensivas disfarçadas de liberdade de expressão. Nesse ambiente, é muito mais difícil a gente conseguir fazer uma seleção ou uma educação do público para o cinema”, disse.

Para Merten, uma das experiências mais importantes que o cinema proporciona é o convívio social.

“O cinema sempre foi essa experiência coletiva e, ao mesmo tempo, uma fruição individual. Porque mesmo quando a gente sentava juntinho no cinema, e estava ali com uma namoradinha, amigo ou familiar, cada um tem a sua experiência interior vendo um filme. Essa experiência era enriquecedora, na verdade ainda é. Espero que a gente recupere isso, porque esse aspecto de convívio social do cinema, para mim, é o que mais interessa, sou apaixonado por essa possibilidade. Viver a vida no seu canto, cada um isolado, para mim, não dá”, disse.





Destruição histórica do Abaeté

A beleza do Abaeté é diretamente proporcional à sanha em destruí-la. As invasões para construção de casas nas dunas, relatadas nesta edição do *Jornal da Metropole*, estão longe de cumprir o espanto pelo ineditismo. Muito pelo contrário! Encontram forte eco na história da cidade. Em

1980, quando Mário Kertész era prefeito, o mesmo problema foi denunciado pelos jornais da época como a "maior grilagem de terra urbana da cidade". O caso foi parar na Justiça, que cobrou a demolição das propriedades irregulares. No fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, a mesma questão voltou

à tona com novas construções irregulares na Área de Proteção Ambiental.

Ano passado, o governo da Bahia iniciou a construção de uma polêmica estação elevatória de esgoto, às margens da lagoa. O grande mistério do lugar é ainda se manter vivo, arrodado pelo desejo de destruição.